



PRAÇA DO MERCADO DE TIVOLI.

SUFFICIENTE noticia de Tivoli e a vista da cascata de Bernini e da gruta de Neptuno, estampámos em o nosso n.º 150, a pag. 34 do vol. 4.º: ampliaremos agora tão somente o pouco que fica dito a res-  
VOL. V, NOVEMBRO 13. — 1841.

peito da famosa situação desta cidade, e depois daremos razão da gravura precedente.

Era *Tibur*, por sua amenidade, entre os antigos decantada, e a moderna *Tivoli* ainda hoje convida

com seus picturescos attractivos aos viajantes, que visitam Roma, de fórma que a peregrinação do estrangeiro á cidade eterna será reputada incompleta se não fizer uma excursão a Tivoli, para admirar o aprazível da paizagem e a formosura dos arvoredos, as ruínas que se desmoram, as grutas sombrias e frescas, e as cascatas de aspecto bravio, que infundem certo assombro e temor, saltando de rochedo em rochedo até se precipitarem com veloz arrojo e temeroso estrepito em fundas e escuras cavernas, onde vão dormir e nivellar-se as aguas, que em borbotões de espuma ressaltavam furiosas das escabrosidades dos penhascos. Todas estas obras, em parte da natureza, em parte da arte, são painéis de contemplação obrigada para os curiosos passeadores da Italia.

Tivoli tem assento n'uma eminencia, levantada no tracto de territorio chamado a *Campagna*, e que remata um pontal saliente da grande cordilheira dos Apenninos: o despenhado daquella altura produz uma serie de summidades de fraguedo, onde se quebram com impeto as aguas do Teverone, rebentando em magnificas catadupas, que muito contribuem para a belleza do paiz circumvisinho. Este rio, o *Anio* da antiguidade, deriva sua origem dos Apenninos; no principio do seu curso tem algumas interrupções, continúa depois placidamente por meio de outeiros umbrosos, vindo arrojarse com alta queda sobre a planicie. A cidade jaz em ambas as margens do rio: lá ao longe para o norte e o oriente empinam-se as serranias do territorio dos sabinos; ao sul apparecem as alturas de Frascati limitando a campina, onde a eminencia de Tivoli por esse lado desce com escarpados declives; ao passo que para o occidente a vista é descuberta, e se estende pela sinuosa corrente do Teverone, bem como a cidade, cujos edificios mais altos se distinguem de grande distancia. Tanto maior é o gosto com que se desfructam as delicias de Tivoli, quanto o é a melancolia que repassa o viajante que vem de Roma, ao atravessar a nua, medonha e deserta porção do dilatado solo bravio, que cinge por todos os lados a imperial cidade dos Cesares. Olhos cansados de lugubres conspectos dão mais valor a scenas graciosas.

Accrescem aos encantos, com que a natureza prendeu a residencia valida de Horacio e de Mecenas, as memorias classicas dos dias brilhantes da antiga Roma: a proximidade da capital, a lindeza da situação, a salubridade do ar, a abundancia dos campos adjacentes, tudo conspirava para que aos romanos fosse aprazível, como retiro e descanso de graves cuidados e encargos: o numero, extensão e qualidade das ruínas, que adornam ainda as cercanias de Tivoli, attestam a estimagão em que foi tida por aquelles senhores do mundo.

A gravura preposta a este artigo dá uma apparencia da *piazza publica* ou mercado de Tivoli. Vê-se que se está mostrando alguma curiosidade, como a camara optica, que é centro da attenção dos passageiros; e com effeito é o signor Pulcinello, que faz alarde dos seus gracejos e habilidades: as chourricas desta figura, que tambem passou os Alpes e os Pyrenneus para divertir a gente das aldeas, são muito do gosto da plebe italiana: não ha feira em que não appareça: um lençol ou cobertor, umas varas curtas que o sustentam, eis-aqui o scenario; um ou mais bonecos ridiculos, um farçola que falle por elles, um rapaz que toque a chamada, uma mulher que receba *quatrini* para *maccaroni*, eis-aqui os actores: e ás vezes nem tanto é o apparatus, e o povo sempre ri ás gargalhadas dos motejos e petulancias de Pulcinello.

O MACROBITA.

(Continuado de pag. 354)

AS AVENTURAS romanticas são mais da alçada da vida real do que muita gente pensa: não ha existencia d'homem um tanto trabalhosa que não forneça scenas interessantes para um drama. Hasslinger bem o sabia; e por isso, descurioso e negligente por habito e caracter, pouco se lhe daria do enigma do homem de capote e seu criado, se o não assaltassem presentimentos funestos e invenciveis a respeito da sorte de sua irmã, que elle suppunha em perigo por aquelles indecifreveis accidentes. Por fatalidade não pôde ter o guarda, por tempo bastante, ou occasião ou pretexto para pedir a Eberhard as chaves do palacio; alem do que agencias do seu cargo o demoraram em Munich perto de tres semanas: esta ausencia obrigada do seu confidente era ocio esteril para o pintor; porque em Schleissheim nada transpirava que revelasse segredo ou mysterio; nas impassiveis muralhas tão somente descortinava as janellas hermeticamente fechadas, dalli apenas sahia o pó que os ventos saccudiam dos tectos para a estrada d'Ingolstadt; afóra o ranger dos cataventos e o sopro da aragem que assobiava ás vezes pelos balaustres superiores, nenhum ruido se ouvia no exterior do paço deserto e inescrutavel. Baldados eram o desvelo e vigilancia com que o artista passeava attento e indagador costeando a frente oriental; baldada a paciencia, com que por horas inteiras se deitava entre a herva do prado, reprimindo a respiragão, para não ouvir, quando muito, senão o fastidioso zunido das cigarras. Todas as manhãs despontava o sol da banda das montanhas de Salzburg, escaldava depois as lousas musgosas do tecto do palacio, e alfim passava por cima da cabeça de Hasslinger; nenhum era o resultado. Todas as tardes escondia-se o mesmo astro luminoso nas selvas para alem de Ingolstadt, e na douradura dos caixilhos reflectia baços os ultimos raios; nenhum era o resultado. Schleissheim permanecia ferrolhado como uma prisão, mudo como um tumulo.

Por outro lado, no unico e pequeno torrão abençoado daquelle districto, o local da granja, gozava-se a plena satisfagão, dote e vantagem dos habitantes do campo, quando contentes com sua sorte. Guilhermina restabelecia-se senão á saude perfeita, ao menos com melhoras consideraveis: nesta mansão havia um certo aroma occulto, um balsamo invisivel, que lhe dava novas forças. Ao meio dia, quando os passarinhos encalmados gorgeiam com debeis modulações sob os ramos que não bolem, tambem ella enfraquecia gradualmente o cantico que entoava á sombra das frondosas arvores do parque; inclinava-se á beira de algum pego de agua limpa, onde podesse contemplar-se menos magra, menos desbotada na côr do que em Berlim, e sorria-se ao vêr na superficie das aguas o seu retrato, como se um vislumbre de belleza lhe fosse necessario ou lhe servisse de consolação. Era então o verão da Alemanha, manso, e soporifero, pesado como um idyllo; era ella a donzella alemaã, amorosa e distrahida, passeando sempre, lendo entre os retiros dos bosques, e talvez apaixonada. Estes apraziveis momentos de Guilhermina, e o esquecimento da morte impendente, findavam de ordinario em uma parada no terrado do castello; alli sobre a areôla, que guarnecia o jardim inculto, costumava traçar, tremula a mão, com a ponteira do chapelinho de sol, alguns versos de Hoelty, o poeta estimado em o norte d'Alemanha; como por exemplo estes.

O canto dos rouxinoes  
Vai na matta resoando;  
As louras creanças folgam  
Entre as ramadas brincando:  
Os hymnos das avesinbas,  
Os risos da tenra idade,  
As almas contemplativas  
Inspiram tranquillidade.

Riscados os temporarios caracteres, de significado indifferente ao que parecia, Guilhermina, apressando o passo, entrava furtivamente no casal, fatigada um tanto, com leves accessos de tosse, e o rosto mais encendido do que de sua compleição era de esperar; nos olhos lhe brilhavam promiscuas a ternura e a vivacidade, em sua pessoa divisava-se um attractivo inexplicavel, mas que á vista de todos satisfazia. Quando a ventura de qualquer se esconde, é uma especie de redoma de fragancias, que derrama a suavidade do cheiro onde está, e embalsama os que se lhe avizinham. Eberhard dissimulava affectuosamente a sua manifesta cumplicidade. O pintor recalrava no intimo do peito funestas suspeitas. Tendo voltado o guarda do paço, ensaiou algumas visitas nocturnas, como a primeira; mas todas lhe sahiram frustradas: oppunha-se-lhe o mesmo obstaculo, a porta rebelde lhe tolhia os passos; em suas investigações inutilmente se afadigava. Alguns passeios á capital e logares convizinhos, e ao lago de Wurmsee, eram o complemento das salutaes diversões de Guilhermina, e occuparam picturesca e alegremente a ultima semana de julho. Então com os calores da canicula chegava o tempo das chuvas: Hasslinger fallou na partida; custou-lhe porem muito perceber em sua irmã uma opposição meiga, que elle não sabia vencer. As desconfianças se lhe avivaram no intimo d'alma.

— «E se os nevoeiros da Bohemia nos tomarem de subito nos campos da Baviera? . . . .» — Dizia, olhando pelas frestas gothicas do casal para as mais gigantes arvores da tapada, que em suas copas amontoavam nas horas vespertinas o toucado de vapores anilados.

— «E esta paizagem de Schleissheim, que me tinhas promettido:» — respondia a donzella, interpondo o semblante risonho entre as vistas de seu irmão e a atmospheria humida da campina.

— «Mana, estes nevoeiros são mortiferos.» —

— «Mas penso que teremos tempo de lhes escapar quando as nuvens acastelladas ao norte nas serranias da Saxonia se abalarem com os chuveiros d'Agosto, e descerem por successivas trovoadas para a planicie . . . .» —

— «Não ha duvida; mas não vos lembraís, senhora, [notou Eberhard] que os frios anticipados do Tyrol vos aguardam no caminho? . . . .» —

— «Se peço uma semana d'espera, [acrescentou timidamente a donzella] é pelo desejo de ver a mana do Sr. Eberhard, que está a voltar de Vienna.» —

— Onde ha pouco se desposou com o conselheiro aulico G . . . .» — acudiu logo o administrador, espreitando a furto o effeito que esta noticia causaria no seu amigo.

— «G . . . .!» — [retorquiu o pintor, com mostras claras d'indignação] o juiz de Silvio Pellico (\*).

— «Esse mesmo . . . .» — tornou Eberhard, um tanto confuso e enleado.

(\*) Auctor, nosso contemporaneo, bem conhecido, que padeceu muito por seu afferro ao systema da independencia da Italia. O livro, *As minhas prisões*, em que narra os seus padecimentos, é um dos mais excellentes escriptos no genero pathetico, suave e de sentimento.

A imprevista recusação de Guilhermina e a desgeitosa intervenção do hospede, renovando antiga ferida pozeram de má catadura o viajante; a nova do casamento lhe pesou na alma cheia de descontentamento, como a gota d'agua na superficie do liquido acogulado sobre as bordas do vaso: travou do braço do director com mão de ferro, e disse-lhe com aspereza.

— «Franz, fico-te obrigado . . . agora Guilhermina tem de partir, porque um membro da familia Hasslinger já não póde estar á sombra das tuas têlhas . . . .» —

Era directo o ultraje, mas Eberhard não replicou, cumprimentou a senhora, e sahiu com uma tranquillidade, que fez pasmar o pintor. Este, dirigindo-se a sua irmã, e enthusiasmando-se para metter no escuro aquelle seu repente, exclamava. —

— «Não serias tu, meu anjo, minha adorada irmã, não serias tu quem para marido escolhesse o juiz aulico! Pelas cinzas de nosso pai, não serás esposa d'um absolutista declarado.» —

Hasslinger abraçava fervorosamente Guilhermina: porem, similhavel á papoula dos campos cegada conjuntamente com as maduras espigas, a donzella desfalecida vergou para o hombro de seu irmão, desbotadas as côres do rosto já tão desmaiadas; sustinha-a aquelle mesmo amplexo, cuja violencia moral lhe causara subito abatimento. Reconheceu então o pintor que por nenhum modo convinha demorarem-se em Schleissheim: e lançando para o maciço do castello o olhar enfurecido, murmurou com accento de voz pesado. —

— «Adeus, morada de principes; adeus, palacio do silencio e da morte! Adeus, temeroso segredo, que me foges, e que eu não posso sem pena deixar nas trevas da incerteza!» —

Guilhermina tornou a si, depois de dormir o sono inquieto, consequencia da febre. A scena penosa, que descrevemos, tinha-se passado ao cabir da noite: Hasslinger resolveu ausentar-se ao primeiro arrebol da manhaã: mas como a sua alma era tão nobre quanto violenta, procurou Eberhard para dar suas desculpas e despedir-se [o que d'elle sem muito custo conseguira Guilhermina). Mas em vão se fez esta diligencia; porque o director tinha partido a cavallo para Munich.

— «Pelo meio da noite! . . . .» — disse attonito o viajante.

— «Exactamente: [tornou o guarda] todavia ha um ensejo opportuno; porque me deixou as chaves. Desta feita apanharemos descuidado o tal phantasma, ou alma do outro mundo.» —

Hasslinger alegrou-se interiormente, e atirou-se ás chaves como o tigre á presa vivente. Irritára-se o seu orgulho por occasião do ultimo deliquio da irmã: Eberhard mostrava querer esquivar-se com a ausencia (a que buscava pretexto) ao embaraço da separação: ainda tinham de correr algumas horas antes de largarem o casal; portanto todas estas circumstancias reunidas suggeriam ao pintor o appetite de pôr fim á sua incerteza violando decísivo os direitos da hospitalidade. Parecia-lhe bastante o espaço de uma noite para as mais temerarias e miudas indagações: deu por isso ordem ao seu creado para lhe ter promptos cavallos da posta ás sete da manhaã, cingiu a costumada durindana, carregou as pistolas, e encontrando o guarda na campina, prevenido da lanterna, dispoz-se ao complemento de seu designio, penetrando no interior do castello. Todos os preparativos lhe tinham consumido tempo; ía a noite adiantada quando abriu successivamente as portas e os quartos inferiores: subia-lhe ao cerebro, como

vapor funesto, um presentimento lugubre; custava-lhe a atinar com as fechaduras e por vezes se enganava com as chaves. Ao ponto de entrar na camara do mysterio sentiu aquella vertigem singular, percursora commum de todo o acontecimento que se teme ao passo que se deseja, ou que se procura sem esperanza ou vontade de vê-lo realisado.

Effectivamente, logo que Hasslinger poz pé na camara divisou, sem que pudesse equivocar-se e apesar da penumbra da noite sem luar, o estrangeiro, com o brilhante uniforme de official da cavallaria britannica, conversando á janella com Guilhermina, que estava no terrado da banda de fóra: a figura da donzella, embuçada n'um amplo chale branco, apparecia desenhada, como fantasma de visão nocturna, em a cortina escura do arvoredado do parque: a melancolia com suas azas negras esvoaçava ao redor da sizuda e triste conferencia dos dois amantes. — O pintor ficou por alguns instantes deslumbrado e como sem tino; não podia fallar, mas a sua mão achou tão leve a espada como uma penna. Ao sahir a lamina da bainha velha, chapeada de ferro, fez um rangido metallico, que os echos da casa desguarnecida logo reproduziram.

O estrangeiro ergueu prestes a cabeça; a donzella desapareceu.

— «Quem sois?...» — disse encaminhando-se para Hasslinger que se inteirigava no meio da escuridão com toda a altivez e vigor da vingança.

O pintor soltou uma gargalhada... — «Dizei quem sois...?» — repetiu o estrangeiro, espantado daquelle modo d'escarneo.

— «Sou o irmão da tua amante!...» —

— «Guilhermina!... seu irmão!...» —

O inglez recuou consternado, mas o impulso do ar e reflexo da espada, que Hasslinger agitava na sombra o fizeram estremecer, e chegava-se da janella, quando o pintor lhe bradou: —

— «Defenda-te, senhor...» —

— «Eu [retorquiu o official] Nunca! Nunca!... Sr. Hasslinger, ouvi-me por um pouco...» —

E a resposta do aggressor foi uma estocada; correu o sangue: forçoso foi cruzarem-se as duas espadas; o estrangeiro, sempre do lado da janella, exclamou neste conflicto.

— «Bem pesada me é a vida!... Se m'a tirais, talvez me eviteis um crime!... Mas vós ahi nada védes, senhor... não quero assassinar-vos... saiamos...» —

— «Para que minha irmã nos separe... não!... aqui está luz...» —

Hasslinger, ao dizer isto, destapou a lanterna escondida a um canto; collocou-a no soalho entre o seu adversario e elle; e cego de raiva, jogando a espada larga como se fóra florete, apesar de descobrir o corpo, tentava atravessar o contrario: o official, constrangido a defender-se, feriu-o n'um braço; Hasslinger respondeu com outra estocada tão certa que o ferro penetrou no peito do inglez algumas pollegadas: golfadas de sangue alagaram o pavimento: o desgraçado ferido vergou sobre os joelhos; apenas proferiu — «Eu morro... Guilhermina...» — E cahiu.

(Continuar-se-ha).

#### A AMBIÇÃO E A AVAREZA NO REGIMEN DOS ESTADOS.

Já fallámos assim do merecimento, como da nimia raridade, das cartas do cavalheiro, Francisco Xavier d'Oliveira: com o extracto, que ora damos, mais

se persuadirão os leitores do bom juizo deste nosso escriptor do seculo passado. —

«Perdoemos a ambição a todos aquelles em que ha merecimentos verdadeiros. Não nos admiremos de que desejem os governos, nem de que suspirem pelo exercicio dos primeiros postos. Defendamos ao contrario em quatro palavras a sua causa. É preciso dar credito e auctoridade á rasão, a fim de que o acaso senão constitua soberano. É necessario armar os bons conselhos, temendo que a loucura senão faça mais poderosa do que a sabedoria: e alem disso as almas extraordinariamente grandes devem conhecer ellas mesmas o muito que valem. Devem saber que o governo lhes pertence de direito natural, e que quando entram no mundo ou é para reinar, ou para aconselhar aos que reinam. Qual será logo a rasão que possa haver, e que permita, que peregam no ocio, na solidão, e no esquecimento os privilegios do céu, e os favores da natureza, com as virtudes destinadas á acção, e ao bem do publico? Recusar a felicidade aos povos quando a pedem é crueldade. Negar os empregos aos indignos é virtude. Querer governar mal por não querer ser bem aconselhado é falta de juizo.

Os ambiciosos podem fallar assim, porem os avaros de que palavras se podem servir, e que desculpas podem inventar, para corar a infamia da sua miseria, e para justificar o ardor e a violencia dos seus desejos? Que escusa podem dar ao trabalho inutil em que de dia e de noite se occupam para augmentarem o abysmo, e para contentarem o infinito? De que lhe servirão nos seus cofres as lagrymas em tantas partes choradas que elles enthesouram? Tanto sangue, que pede vingança contra elles, que infelicidades não causará ás suas descendencias? Qual póde ser o fim permittido para continuar um negocio tão funesto? Se elles tem já adquirido abundancia de bens não só para satisfazer a sua despeza ordinaria, mas para poder dar, e para poder perder ficando sempre ricos, que mais pertendem?

Não sei comprehender certamente como as pessoas chamadas para o governo do mundo, podendo nesta soberana administração mostrar qualidades puras e perfeitas, de que parece que o mesmo Deus se contenta, tirando o gosto de produzir a felicidade dos povos, e recebendo os agradecimentos, e as aclamações de todas as linguas; ignoro, digo outra vez, como é possivel que semelhantes homens prefiram o interesse á gloria, amando viciosamente nos bens, que adoram, um objecto morto, que não póde corresponder ao seu amor, que não tem sentimento nem intelligencia, e que não é mais do que uma pouca de terra, que a opinião e a côr distingue da outra terra.

Sinto ser obrigado a censurar nas nações nobres, e tão applaudidas como a de V. Ex.<sup>a</sup>, e como a minha, um vicio tão baixo, e tão desprezível como a avareza, porem é certo que o abominavel interesse que só devia ser conhecido dos banqueiros de Genova, e dos mercadores de Amsterdam, é presentemente o idolo de todas as côrtes, e o objecto dos seus ministros. Deixe-me V. Ex.<sup>a</sup> dizer que ao interesse se sacrificam hoje os pensamentos, as palavras, e as obras; e que os homens destinam, e sujeitam ao seu serviço o entendimento, o valor, a virtudes, o vicio, e todas as boas e más acções que podem, e que sabem executar.

Da alma dos rendeiros, dos recebedores, e dos contratadores passou o interesse para a dos cavalheiros, e para a dos principes. Introduziu-se nas profissões que pareciam as mais separadas, e as mais distantes deste erro. Que dirá a posteridade, que

talvez será melhor do que nós, quando vir na historia deste tempo a guerra reduzida a negocio, e os capitães transformados em mercadores? Que dirá quando souber que os commandantes das tropas, interessados com os commissarios dos viveres, se conformam no lucro dos ganhos mais ordinarios? Que tem igual parte nos roubos dos officiaes subalternos, e igual culpa nas desordens dos soldados mais inferiores.

A mesma ambição presentemente se alistou em serviço da avaréza. Eleva-se, e humilha-se á medida do muito ou do pouco que póde ganhar. Antigamente propunha-se o fim de lograr os applausos do povo, a estimação do principe, e a conquista da fama: hoje não tem outro objecto a ambição que o de aproveitar-se da fazenda do rei, do lucro dos cargos, e dos dinheiros politicos e militares. Falem os thesouros regios, os cofres tribunalicios, e as caixas da Guerra.» — *Cavalh. Oliv. Carta 3.<sup>a</sup> no vol. 1.<sup>o</sup>*



NAVIO ANGLO-SAXONIO.

DOS PROGRESSOS DA NAVEGAÇÃO.

3.<sup>o</sup> (1)

QUANDO Julio Cesar invadiu a Graã-Bretanha, os navios, com que debalde intentaram oppor-se aos seus progressos os insulares, eram mais chatos de quilha e porão que os do Mediterraneo, a fim de se accommodarem aos baixos dos abrigos e enseadas da costa; tinham grande altura de pópa e de prôa, que julgavam ser precisa para resistirem a mares tormentosos: a madeira era de carvalho; já usavam segurar as anchoras com correntes de ferro; mas as velas eram de pelles e couro delgado, provavelmente pela opinião de que material mais fraco não supportaria a força do vento. As elevadas pôpas dos baixes britannicos lhes davam vantagem sobre as galés romanas, offerecendo uma postura donde se podiam arrojarem as armas missivas para dentro das embarcações inimigas: o serem construidos de carvalho facilitava resistencia bastante ao embate dos esporões das galés contra o costado. O meio porque Cesar conseguiu tomar estes navios foi o seguinte: mandou pregar arpéus aguçados na ponta de longas varas, com os quaes os soldados fisingando o cordame, que prendia as vélas aos mastros dos navios britannicos, o cortavam, inutilizando as vélas, e pondo-os na impossibilidade de manobrar ou de evitar uma abordagem.

(1) Vid. os artigos 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> com as respectivas estampas a pag. 289 do 2.<sup>o</sup> vol. e 21 do 3.<sup>o</sup>.

Os piratas saxonios, que cruzavam o mar d'Alemanha e subsequentemente invadiram a Inglaterra, tinham os seus barcos com a quilha de madeira, e os bordos e cavernas de vimes, forrados exteriormente de couros: o contramestre com uma varinha na mão dirigia por signaes o movimento dos remeiros.

Durante os sanguinarios conflictos em que os habitantes da velha Inglaterra se acharam empenhados, primeiro com os romanos, depois com os pictos e scotos, e posteriormente com os danos [dinamarquezes] e saxonios, não houve aperfeiçoamentos na construcção maritima. Mas com esses frageis navios os dinamarquezes saqueavam as costas das regiões visinhas, e punham espanto a todos os que oustavam cruzar os mares. Feroz e intratavel era o character desses povos então barbaros; mas para estas depredatorias excursões concorria uma circumstancia, provinda de sua peculiar legislação, se acaso podemos dar este nome sagrado a tradições oraes, a crenças supersticiosas, que eram as unicas reguladoras dos povos do norte. As praias do mar Baltico repartiam-se em acanhados territorios, cada um dos quaes tinha seu cabeça ou soberano. Quando o filho de algum destes succedia a seu pai no regimen e mando da tribu, a cada um de seus irmãos dava-se um navio em que fossem procurar aventuras: nasceu desta fonte a nuvem de piratas que punham espanto nos mares do norte. Na poesia romantica septentrional, representam como heroes muitos delles com a pomposa denominação de reis dos mares.

É incontestavel que as excursões dos piratas nos primeiros seculos da era christã contribuíram para o progresso da navegação. Ninguem póde duvidar que os aventureiros do norte conheceram as terras septentrionaes da America, como o justificam vestigios de monumentos, que por lá se tem descoberto, e mais que tudo a cor e fórmas corporeas dos intrataveis indios da Terra-Nova (2).

Appareceu porem um povo que veio representar parte mui importante na historia entre as nações da Europa: chamaram-se os normandos, originariamente sahidos da Noruega, que se estabeleceram naquella parte do noroeste da costa de França, que do seu nome se chamou Normandia: era uma raça animosa, robusta, e atrevida, que procurava emprezas arriscadas, e não podia caber no seu territorio.

A Inglaterra parece que estava patente ás invasões; resistiram contra os primeiros conquistadores os nativos habitantes; misturou-se a raça indigena com os povos que alternativamente a dominaram; e toda a força da nação teve de empenhar seus esforços contra novos aggressores.

Os normandos ganharam grande preponderancia no mar; por tal modo que os sicilianos, vendo-se infestados pelos piratas, os chamaram em seu auxilio; donde naturalmente se deduz que elles bem sabiam dobrar a ponta occidental da nossa peninsula, e embocar pelas columnas de Hercules o mar mediterraneo.

Os navegantes acostumados a dependerem da quasi infallivel e bem observada bussola, dos perfeitos instrumentos astronomicos modernos, do auxilio das ephemerides e das taboas d'antemão calculadas por homens eminentes na sciencia, poderão admirar-se do intrepido animo dos dinamarquezes e islandezes do nono seculo, que destituídos do astrolabio, aventuravam na incerteza da navegação a cousa mais preciosa, as vidas. Aquelle auxilio trouxe consigo um elemento de posse; e os normandos senhores d'alguns

(2) Vid. o que se acha escripto a pag. 10. do 3.<sup>o</sup> vol.

pontos de Italia ousaram encaminhar suas armas guerreiras contra o imperio oriental.

A invasão dos normandos na Inglaterra demonstra a pequenez dos baixes, em que o celebre Guilherme o conquistador (3) transportou suas tropas da costa de Normandia para a da Graã-Bretanha; toda a dificuldade estava em atravessar o canal, e note-se a grande desproporção entre o numero dos vasos de transporte, que eram innumeraveis, e o dos combatentes, comparativamente muito diminuto. Guilherme não achou opposição na força naval de Harold, porque a esquivou, e o seu fito era o desembarque e o acometimento por terra; disputaram-se porfiadas pelepas; asenhoreou-se do paiz; nelle reinou e a sua descendencia. Mas não achamos que nessa epocha e immediatas em tentativas crescesse e melhorasse a arte da navegação: um só mastro e o cordame estivado para a prôa, com alguns cabos que atracavam aos dois bordos da embarcação, eis-aqui todo o aparelho da manobra: a mesma irregularidade nas peças diferentes do navio, e os mesmos defeitos na contextura do todo continuavam, posto que aos tecidos grosseiros da fórma primitiva tivessem substituido madeira compacta e aparelhada a seu modo.

Os atrevidos navegantes do norte em suas correias fizeram muitos descobrimentos. As ilhas de Ferro foram conhecidas no fim do seculo 9.<sup>o</sup>, sendo vistas por alguns piratas escandinavos; pouco depois a Islandia (4), que os inglezes denominam *Iceland* (*terra do gelo*), foi colonisada por Flok, afamado navegante norueguez. Relatam as chronicas islandezas, e o confirmam vestigios modernamente achados, e recentes investigações feitas em o norte da America (5), que os homens do septentrião da Europa descobriram um grande paiz ao occidente da Irlanda. A Groelandia (6) (*Greenland, terra verde*) foi também pela mesma gente descuberta.

Posto que os conhecimentos geographicos fossem mui limitados nesses tempos, algumas personagens distinctas, talvez com o intuito de estenderem seu poder e dominio, trabalharam por adquirir noções da sciencia descriptiva do mundo. Carlos Magno tinha uma mesa de prata, em cuja superficie estava gravado um mappa da porção do nosso globo então conhecida: era uma carta plana.

Quando porem a arte de navegar e a construcção naval verdadeiramente se adiantaram, alem do estado em que os carthaginezes as tinham deixado, foi no tempo das cruzadas. O imperio de Constantinopola, o de França em tempo de Carlos Magno, o dominio dos sarracenos, e de outros, estenderam-se, mantiveram-se por força d'armas, mas todas as suas expedições eram terrestres. — Muito bem observa Charnock na sua *Historia da Architectura Naval* — que a composição de um exercito, particularmente attendendo-se ao simples estado da tactica d'então, era operação de poucos dias: cada *paisano* se transformava n'um instante n'um soldado. Porem uma armada não se organisa com essa facilidade. — Portanto á epocha das cruzadas, que forçosamente eram grandes expedições maritimas com tropas numerosas

de desembarque, deveremos referir os primeiros melhoramentos notaveis da moderna navegação.

#### O SACERDOTE EM RELAÇÃO COM A SOCIEDADE.

CONTINUANDO OS extractos das ignoradas obras do prelado de Beja, como promettemos a pag. 335 deste vol., extrahimos da Instrucção Pastoral de 5 de Fevereiro de 1783 o trecho seguinte, em que é digna de notar-se a saã doutrina com que educava e persuadia o clero da sua diocese. —

« Depois de entendermos o que do homem pede a lei moral a seu respeito, isto é, que seja activo, superior a suas paixões, ordenado, prudente e modesto, ainda nas grandes idéas do seu interesse de gloria, abundancia, e fama; é necessario o ensino sobre as relações que tem com os seus semelhantes, com os quaes vive, trata, e concorre para o serviço e harmonia do mundo moral. Portanto o sacerdote hade saber dizer com firmeza de doutrina bem entendida tudo quanto de essencial o direito da natureza prescreve, ao fim de se entender com os seus semelhantes. Digno sacerdocio, quando por elle se torna a sociedade feliz! E quando a luz, que de si despede o candieiro da igreja, leva á tranquillidade, á paz, á decencia, ordem, e qualquer outra virtude! Respeitavel sacerdocio, quando em suas palavras encontram os homens expedientes e doutrina para se entenderem com affecto reciproco! Vejamos resumidamente nas expressões, que permite a necessidade de passarmos ao estudo da revelação, quaes sejam os conhecimentos que hade possuir o sacerdote, para que na ordem da sociedade seja della digno, e a este fim conduza os outros. O sacerdote, que pela sua sciencia hade estar disposto e preparado a todas as precisões que tiverem os homens do seu conselho: o sacerdote, affeito a conhecer a justiça e merecimento dos objectos; a distinguir entre o licito e conveniente; o sacerdote, possuido de amor a quanto é ordem, e regulado: zeloso pela verdade; ardente sem engano e sem capricho, para que ella triunphe; inimigo da malicia; prudente em suspeita-la; sagaz em remove-la; amigo dos homens; polido nos mesmos trabalhos; penetrado da força e delicadeza das virtudes: este sacerdote, dizemos, logo que toma ao seu cuidado os procedimentos na parte moral de qualquer sujeito, sabe ajustar umas com outras virtudes na devida proporção; sabe tecer a alliança da civilidade com a religião, e deixar a salvo os forros augustos desta, sem escandalo das virtudes moraes. Estas mãos são habeis para nellas cahir a formação de lindas estatuas: ellas convertem a rude massa em brilhante fórma: ellas a vão preparando e affeigoando para mil effeitos agradaveis pelas combinações a que a trasladam, e com que a guarnecem: ellas ajustam as perspectivas da virtude a todas as vistas de boa penetração: ellas são como um centro, donde sahem raios de fogo, que allumiam toda a redondeza que os recebe, e asseguram a quem os busca. Nossos cuidados não permitem que demos a estes pensamentos faces mais variadas: o argumento é mui serio: é norma de virtude: sua verdade natural dará força e vehemencia á ingenuidade com que escrevemos.

Vive-se entre homens de diversos genios, educações, e dictames: o sacerdote é obrigado a ser tudo para todos. Oh proposição difficultosissima, porem innegavel! O caracter do sacerdote assim o pede; e quando não se insinua por aquelle modo, é um defeito que o accusa. Sua instrucção deve ajustar-se a bons e a viciosos pelos diversos caminhos de mere-

(3) Veja-se a pag. 114 do 3.<sup>o</sup> vol. qual foi o fim deste conquistador por autonomasia. Dominador d'algumas terras a quem faltou um palmo de terra!

(4) Veja-se a este respeito (no artigo sobre a Terra-Nova) a pag. 11 do 3.<sup>o</sup> vol.; e melhor a pag. 240 do mesmo.

(5) Sobre a Islandia consultem-se as pag. 116 e 117 do vol. 3.<sup>o</sup>

(6) Vid. vol. 3.<sup>o</sup> pag. 36: e sobre os mares do polo do norte a Viagem do capitão Bragg (sob este titulo ou com o de Viagem ao Polo) nos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> volumes.

ce-los: deve accommodar-se ás necessidades dos que o buscam. Seu zelo hade acompanhar os passos fugitivos: deve lisongear com verdade aquelles mesmos que a despresam: nunca fará que o recusam pelo conceito de ignorante ou indiscreto. Qual abundancia de doutrina ethica não deve ter seu espirito para esses desempenhos? Em que seguros principios de moralidade não terá firmado seu coração, para instruir, e haver-se no grande mundo? Se elle é temerario; se é desconcertado; se frouxo, duro, muito pouco ou mal instruido; leva então consigo os de similhante humor; sobrepõe honestidade a caprichos, erra, corrompe, e desordena a socegada harmonia das virtudes. O sacerdote, para bem conhece-las, não hade confiar em dictames, só plausiveis em apparencia: hade no interior das virtudes descobrir quanto ellas merecem: não em o costume, no humor, e na licença, que as desfigura. Assim preparado, e já capaz de seus officios; seguro de sua doutrina e auctoridade; sem perturbação na variedade immensa de objectos que o cercam; applicado aos diversos desejos e pareceres de um povo ou errado, ou incerto, é digno instrumento da virtude, e confiadamente esta lhe emprestará a voz respeitavel, com que mostre aos homens ter cada um direito de obrar, mas governado pela razão; por uma razão que saiba gemer com os afflictos; nunca auctorisar prejuizos para outros, que cada um respeita em si: uma razão melindrosa sobre a fama dos outros homens: sensível ao bem alheio; nutrida das leis da humanidade, com as quaes hade compor os dictames da justiça vindicativa: dissipadora das imaginadas probabilidades das paixões: e razão que saiba adogar a ira que faz descarregar o homem crueis golpes sobre seus similhantes. Esta similhança é a que faz possuir de ternura para o mal de outrem: a que evita a feroz calunnia, a murmuração damnada, as angustias da inveja: esta similhança obriga o homem a ser fiel observador das promessas e contractos, sem engano nem limitações equivocadas e astutas: ensina a verdade, e ministra engenhosos arbitrios para ella se defender em beneficio dos outros: ella sabe acautelos os pesares no proximo; oppõe aos furiosos estímulos da vingança meigas considerações de a rebater; e obriga a cumprir com as leis da sociedade pelo uso da benevolencia, paz, civilidade, e todos os procedimentos que obrigam e attrahem os nossos similhantes. A santidade amavel destes pensamentos deixa facil ao homem, que delles se pascenta, a vigorosa abominação das injurias, a pratica das decencias, a comprehensão de todos os homens; para de boamente os olhar, sejam amigos, desconhecidos, peregrinos, inimigos, ingratos: em todos se acha a força da humanidade, que arrebatada ao cumprimento de seus direitos: destas idéas da sociedade hade ser bem instruido o sacerdote, que é conductor dos outros homens: ainda quando por um sacrificio livre da creatura feito a seu auctor, viva o ecclesiastico em solidão, sem trato humano; ahi mesmo hade ter as justas idéas de todas as virtudes, posto que sem exercicio de algumas dellas; porque a virtude basta que o seja, para que ninguem a desconheça; e porque o conselho do solitario deve ser acompanhado de justiça, da qual é inseparavel a boa e propria doutrina. Qualquer porem que seja o sacerdote mestre dos homens, alem dos conhecimentos positivos das virtudes, hade ter vigor sempre aparelhado e judicioso para confundir a opposição que lhes faz o negro vicio. O sacerdote, que vê o mundo com attenção, acha facilmente o homem dominado pelo vicio, e que mais se esforça contra o jugo da lei do que a suavisa-lo; vê o homem con-

trariando a cada passo com doutrinas falsas, com enfeitadas imaginações, com descuidos, com procedimentos da razão, os santos destinos para que foi creado: vê que o homem, armado de si mesmo, se oppõe a quanto é capaz de emenda-lo: o sacerdote o vê entregue a desconfianças e conjecturas temerarias, e occupado sempre no trabalho continuo de se corromper: elle o encontra a todo o instante frivolo, indocil, teimoso, incerto em combate porfioso de paixões, e até de principios, pelos quaes se devêra encaminhar. Taes desconcertos vai remoendo em seu peito o bom ministro do santuario, e diligente especulador do engano e do vicio, que lhe fazem necessaria a sciencia da exhortação e do conselho, applica, á maneira de medicina saudavel, as doutrinas da saã philosophia: ensina a civilidade, a modestia, a prudencia, a justiça, o pejo, a sujeição; e qual seja a idéa da propriedade, que cada um em si deve presumir. Demonstra pela razão e exemplos a energia interna da consciencia, para ser decentemente livre, e sujeitar-se á lei e aos maiores: faz ver a confusão a que se torna o mundo, quando se despresa a cada hora o soffrimento reciproco dos defeitos; e que as graduações, caracteres, e despachos da honra sim tem ceremonial de contemplação indispensavel, mas sujeito ás obrigações essenciaes da ordem natural. Armado o ministro com as leis daquela ordem divina abrandos os homens, como empedernidos no orgulho, para os sujeitar á lima da razão e da equidade: então ensina os limites do interesse, e das negociações de qualquer genero, unindo para o expediente dellas a honra, a verdade, e a justiça: então adianta, com bom parecer, e voz da virtude e doutrina, quanto é decencia e decoro nos costumes e no trato com os similhantes. Todos estes officios da ordem natural tem principios, os quaes sendo applicados nas occasiões, tanto é bello o fructo que produzem, quantos são os defeitos e erros enormes com que a ignorancia dos mesmos principios desacredita os que della se acham possuidos. Moralistas sem numero tem descrevido estas obrigações: respiram acertos e virtude as maximas que aconselham. Porem, oh debilitada natureza, as regras mais certas de tua santa constituição vemos serem escurecidas por applicações erradas, assim como os raios da luz, que se perdem entre nuvens espessas e sombrias! A desordem dos discursos humanos te ha feito atrevida, quando transornam para usos pessimos teus santos officios! Na tua pureza és rica de luz, de justiça, e de verdade: as desordens innegaveis em que te achas tudo escurecem e confundem. Deve-se á verdade e á casta razão mais segurança do que tu deixas no peito humano, quando teus interpretes se prendem aos caprichos com que te corrompem. Eis-aqui os motivos porque indo os homens pelas acções naturaes á eternidade, que ellas merecem, deve o sacerdote ser das leis della instruido, para ser luz e guia com segurança e dignidade. Estas condições por meio de seu ensino o hão de introduzir no coração do outro homem a quem falla, para que acerte em seus passos; ou se condemne a si mesmo, quando erra: e para que o coração de seu ouvinte, tambem creador de idéas conformes ao que se lhe inspira, veja em claridade amavel e desimpedida as passagens delicadas entre a imaginativa e razão; entre esta e os affectos; entre o vicio e a virtude." —

*Methodo inglez de salgar a manteiga.* — Geralmente do leite de vacca se faz a manteiga; convem muito que esta seja bem lavada em muita agua lim-

pa e por muitas vezes, até sabirem puras as ultimas aguas, amassando-a muito bem e dando-lhe bastantes voltas na agua: e a razão é porque se tem observado que algumas particulas de leite ou sôro, que ainda ficam apegadas á manteiga depois de feita, concorrem para que se arruine e crie ranço: com as lavagens se evita este grande inconveniente. Os inglezes para a conservarem usam do seguinte methodo: —

Tomam-se duas partes de sal marinho [que é o melhor], uma parte de salitre, e uma de assucar, piza-se tudo junto, mexendo e misturando muito bem: salga-se a manteiga com esta mistura na proporção de uma onça para doze onças de manteiga, amassa-se tudo muito bem á maneira ordinaria para que os saes penetrem sufficientemente e por igual a manteiga. As vasilhas em que depois se recolhe devem ser bem tapadas. Deste modo se conserva por tres annos e mais, com a vantagem de ficar dura, fazer boa vista, e ter bom cheiro e agradável sabor. Lembra-nos que se poderá fazer uma excellente salga com o sal de nossas marinhas clarificado e só com a respectiva dose d'assucar.

*Methodo alemão de conservar os presuntos.* — No mez de Novembro, e pela primavera no de Março, se preparam os presuntos na Westphalia, donde algum dia nos vieram muitas carnes de porco salgadas. Os alemães os empilham em tinhas fundas, que cobrem de camadas de sal de nitro [motivo porque talvez as carnes sahem avermelhadas] e d'uma pequena porção de folhas de louro: assim os deixam estar quatro ou cinco dias; e fazem uma salmoura mui concentrada e forte, de agua e sal, com que os cobrem completamente. No fim de tres semanas os tiram e os põem de mólho em muito boa agua [de poço, diz o texto; não sabemos porque razão] espago de doze horas; depois os expõem por mais de tres semanas ao fumo de rama de zimbro, de que ha abundancia no paiz. Cremos que basta ser lenha que não communique máu gosto ao presunto; não será forçoso empregar o zimbro, posto que bastante tenhamos visto em algumas localidades do nosso territorio, onde o poderão usar. Daquelle modo dão por promptos os presuntos, e os guardam em logar proprio.

Persuadimo-nos que tendo nós bom sal marinho, desse nos deveremos servir, embora lhe deitem, para dar côr ás carnes, uma diminuta porção do de nitro.

*Armas antigas de Portugal.* — Eram uma cidade branca em campo azul, sobre um mar de ondas verdes, e douradas, em memoria do porto de Cale, que deu principio ao reino junto da fôz do rio Douro; pequeno rascunho, em que a antiguidade delineou para uma cidade populosa o fundamento, e para uma monarchia o nome. Cessaram ellas, tanto que o conde D. Henrique entrou no senhorio de Portugal, o qual usou algum tempo um escudo branco somente sem figuras, nem divisa alguma. Depois assentou nelle uma cruz azul daquelle feitio a que chamavam potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços. Assim se acham em muitos manuscriptos e memorias antigas.

O HOMEM dado ás lettras deve trazer um lapis na algibeira, com o destino de escrever os pensamentos, logo que lhe occorrem. Os que vem d'improviso são os mais importantes, é por tanto necessario cuidar em os reter e conservar, porque raras vezes acodem novamente á idéa. — *Lord Bacon.*

### O PICO DE ADAM.

DA OBRA «*Fatalidade historica da ilha de Ceylão*» escripta pelo capitão João Ribeiro, pelos annos de 1685, publicada no tom. 5.<sup>o</sup> da collecção interessante de «*Noticias para a historia e navegação das nações ultramarinas*» extrahiremos o seguinte a respeito daquella notavel montanha que os viajantes estrangeiros tanto celebram. —

O Pico de Adam, como temos dito, divide a falda delle as jurisdicções dos reinos Candia, e Uva, e duas Corlas. Esta serra é uma das maravilhas do mundo, porque ficando pela terra dentro vinte leguas, os mareantes outras tantas em dia claro ao mar a descobrem. Tem de altura duas leguas, cuberta de grande arvoredos, e para se subir ao cume d'uma planicie ou aba, que faz a serra antes de chegar ao Pico, é com muito trabalho, por ser muito ingreme e se gasta de pela manhaã até as duas horas da tarde. Esta aba, que faz a serra, é toda cuberta de arvoredos com muitas ribeiras que formam-se com a agua que se despenha do Pico, onde tambem tem alguns valles apraziveis. Neste logar os gentios, que vão em romaria, lavam o corpo, e vestem roupas limpas, que levam para este fim; uma e outra cousa fazem com grandes ceremonias, por chegarem áquelle logar que tem por santo; e tem para si que desta sorte vão limpos de todo o peccado. Depois que tem feito aquellas superstições, começam a subir para o cume do Pico, que tem mais de um quarto de legua, por cadeias de ferro, feitas a modo de escadas, e senão fosse desta sorte, por inexpugnável, não seria possivel o subir-se. No fim se chega a uma planicie mui redonda, e tem de diametro duzentos passos, onde se vê uma alagoa mais profunda que dilatada, de excellente agua manancial: correm della todas as aguas que formam aquellas ribeiras, que se acham onde elles fazem as ceremonias, e discorrendo pela serra chegam ao pé, e nelle se fazem os maiores tres rios que tem a ilha.

Em o meio d'aquelle terreiro se vê uma lagem grande sobre algumas pedras lavradas, e nella estampada, como em cera, uma pégada de dois palmos em comprido e oito dedos de largo. Esta pégada é mui venerada de toda a gentilidade da India, e assim muitos delles vão em romaria pela vêr, e cumprir seus votos e promessas. Ao lado esquerdo, desviado como vinte passos, estão algumas casas feitas de barro e madeira, em que se recolhem os romeiros. Para o outro lado está o pagode, que é a sua igreja, e junto a elle a casa de um changatá, que é seu sacerdote, e assiste neste logar recebendo as offertas, e tem cuidado de declarar áquelles barbaros que ganham muitas indulgencias, e ficam sem algum peccado, em paga de sua devoção e trabalho, e que aquella pégada foi do primeiro pai do genero humano, que por memoria deixou naquelle logar.

Em redondo da pedra tem postas muitas arvores proporcionadas, que fazem o logar saudoso e agradável. Alli se detem fazendo um modo de novena, e naquelle pagode dedicam seus sacrificios. O que áquelles gentios os faz mais crêr que aquelle logar é muito santo, é que sendo aquella serra tão alta, redonda, e proporcionada, ao pé della se levantem duas nos dois lados, e seus cumes se inclinem para o Pico, como que lhe fazem reverencia, e por esta maravilha da natureza dizem aquelles gentios, que as mesmas serras immoveis reconhecem o sagrado do logar; porem o que eu entendo é, que esta pégada foi invenção gentilica; porque é certo que se fosse de homem, de necessidade havia de ser gigante; e a fizeram por introduzir no tal logar adoração. »